

ERA UMA VEZ (E CONTINUA SENDO)... UM GRUPO DE ADOLESCENTES QUE DISCUTIA OS CONTOS DE FADAS

PAULO AILTON FERREIRA DA ROSA JUNIOR¹;
VANIA GRIM THIES²

¹*Universidade Federal de Pelotas – juuniorferreira@yahoo.com.br*

²*Universidade Federal de Pelotas – vaniagrim@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem o objetivo de discorrer acerca de uma pesquisa de Mestrado em Educação desenvolvida dentro do Programa de Pós-graduação em Educação da FaE/UFPeL, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Vania Grim Thies. Em essência, ela versa sobre os contos de fadas e a sua relação com os jovens.

Partimos de SALE (1979, p.23), quando ele afirma que todo mundo sabe o que é literatura infantil e contos de fadas, até que seja indagado mais profundamente sobre o assunto. São histórias para crianças? São contos sobre fadas? O termo “Conto de fadas” é apenas uma conveniência para designar histórias que, instintivamente, todos concordam com os termos que as caracterizam, ainda que seus limites entre as fábulas, os mitos, as lendas e os romances, apenas para citar alguns, sejam muito tênues.

Quando pensamos em contos de fadas, imediatamente nos reportamos à sua onipresença na ideia contemporânea de infância, no encanto que as crianças demonstram em ouvir uma e outra vez a história da princesa que picou o dedo no fuso de uma roca, ou da menina de capa vermelha que venceu o lobo mal, por exemplo. Entrementes, MENDES (2000, p.54) nos diz que na França do Antigo Regime, quando estes contos começaram a tomar a forma como mais ou menos os conhecemos hoje, a partir de uma publicação atribuída a Charles Perrault, não existia a ideia de ‘infância’; assim, consequentemente, não existia uma literatura infantil.

Da mesma maneira, na Alemanha do século XIX, segundo TATAR (2003, p.15), a publicação dos Irmãos Grimm que compilava diversas histórias da tradição oral daquele país e na qual foram textualizados pela primeira vez vários contos de fadas que transitam entre nós ainda hoje, não foi bem recebida como um material para os “pequenos”.

Em seus estudos, ainda, ZIPES (2006) nos diz que “(...) podemos traçar motivos e elementos presentes nos contos de fadas literários também em inúmeros tipos de histórias ancestrais” (ZIPES, 2006, p. 3, tradução nossa), como mitos e lendas, por exemplo. Isto sugere que, retomando os contos inicialmente citados, “A Bela Adormecida”, “Chapeuzinho Vermelho”, e tantos outros, tenham percorrido um caminho muito mais longo do que imaginamos, até nos alcançar na pós-modernidade. MENDES (2000) aponta para os ritos de iniciação das sociedades pré-cristãs e concorda com os autores já citados ao levar em consideração este caráter, que hoje nós chamamos de folclórico, e que ainda está impregnado na matéria destas histórias.

Assim, “por representarem a história de um povo e por serem transmitidos de geração para geração, os contos são considerados um fenômeno cultural.” (OLIVEIRA, 2013, p.180) e vem instigando estudos nas mais diversas áreas. Não sendo os contos de fadas histórias originalmente dedicadas à infância, mas que

acabaram a atender ao gosto da mesma, o que nos interessa nesta pesquisa é explorar outro público possível.

Desse modo, talvez os jovens não saibam, ou não admitam – ou saibam e admitam, esta é uma das questões –, mas eles envolvem-se com essas histórias tanto quanto as crianças, porém às próprias especificidades da sua fase. E se assim foi nas sociedades que nos precederam, onde nasceram como ritos de iniciação na passagem para a vida adulta e, mais tarde, instrumento moralizante da burguesia, como isso acontece hoje? Portanto, esta investigação de mestrado recorre a adolescentes para descobrir, de modo geral, que conhecimentos e percepções expostos por eles ajudam a entender como estas histórias circulam e permanecem entre eles, muito em conformidade com o que nos diz SILVA (2013), quando ressalta que “hoje, estudar contos de fadas é perceber as demandas de ficção do homem contemporâneo e suas articulações com os novos modelos civilizatórios.” (SILVA, 2013, p.14).

Para mais, estamos buscando, inicialmente, contemplar três objetivos específicos: discutir o que estes jovens entendem por contos de fadas; descobrir quais contos de fadas são os mais lembrados por estes jovens, reconhecendo que versões dessas histórias correspondem a estas mais lembradas; verificar os meios pelos quais estes jovens associam o contato com essas histórias.

2. METODOLOGIA

É no espaço – físico e intelectual – do grupo História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares, HISALES¹, ao qual autor e orientadora são pertencentes, que desenvolve-se esta pesquisa. Por isso, foi com a ajuda dos demais integrantes dele, graduandos, pós-graduandos e professoras, que acabamos por definir a metodologia da pesquisa como a do grupo focal–(GATTI, 2012). A autora define grupo focal como “um conjunto de pessoas selecionadas e reunidas por pesquisadores para discutir e comentar um tema, que é objeto de pesquisa, a partir de sua experiência pessoal” (GATTI apud POWELL & SINGLE, 2012, p.7). E vai além:

O trabalho com grupos focais permite compreender processos de construção da realidade por determinados grupos sociais, compreender práticas cotidianas, ações e reações a fatos e eventos, comportamentos e atitudes, constituindo-se uma técnica importante para o reconhecimento das representações, percepções, crenças, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagens e simbologias prevalentes no trato de uma dada questão por pessoas que partilham de alguns traços em comum relevantes para o estudo do problema visado. (GATTI, 2012, p.11)

Definimos, então, a partir das diretrizes teóricas escolhidas, que configuraríamos o grupo com formação de seis a oito integrantes, todos adolescentes². Que as reuniões se dariam no espaço de reuniões do HISALES,

¹ Grupo de pesquisa que está vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (PPGE/FaE/UFPEL) cadastrado no CNPq desde 2006. Atualmente liderado pelas professoras Dr^a Eliane Peres e a Dr^a Vania Thies. Maiores informações em <http://wp.ufpel.edu.br/hisales/>

² Conceito baseado no Estatuto da Criança e do Adolescente, que estabelece como pertencente a esta faixa-etária os indivíduos em idades entre 13 e 17 anos.

sendo realizadas no mínimo em número de três, com tempo de duração máxima de uma hora cada e tipo registro a combinar com os participantes, de modo que estes se sentissem mais à vontade para se expor.

Foi através de uma chamada na página pessoal de Facebook do mestrando-pesquisador, e de uma chamada também no âmbito do grupo de pesquisa a possíveis familiares ou amigos dos integrantes que correspondessem à faixa-etária visada, que angariamos os seis voluntários para o desenvolvimento desta investigação.

Como parte do cumprimento do termo de consentimento livre esclarecido assinado pelos seis jovens, suas identidades não serão reveladas, porém, apresentamos a seguir um quadro que ilustra, na medida do possível, a configuração do grupo:

Participante	A	D	F	M	P	V
Idade	13	17	16	16	17	16

Tendo formado o grupo, estabelecemos uma periodicidade de encontros quinzenais e acordamos que o registro seria feito por meio de gravação de áudio. Sempre iniciados com alguma atividade motivadora que não apenas dispersasse a inibição, mas que também movimentasse os conhecimentos prévios dos participantes, cada um destes encontros foi guiado, principalmente, por uma questão norteadora.

Até o presente momento da pesquisa, foram realizados quatro encontros do grupo focal; No primeiro, a questão principal incitada foi: “Qual a lembrança mais antiga que vocês têm quando o assunto é ‘contos de fadas’?”; No Segundo, os participantes precisaram responder: “Onde vocês percebem contos de fadas hoje?”; Para o terceiro encontro, eles foram instigados a dizer “Que temas, com o olhar de hoje, podemos considerar pesados ou inadequados para uma criança em contos de fadas?”; No quarto e último encontro realizado, a partir do que percebemos com as gravações – sessões em que o pesquisador debruça-se na audição e transcrição dos áudios resultantes das conversas com o grupo – , foram repetidas diversas questões mais pontuais que surgiram no decorrer dos encontros como ramificações da questão principal, e que sentimos não terem sido devidamente contempladas nas discussões.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Acreditamos que o comprometimento dos seis envolvidos com o seu voluntariado à participar da pesquisa, sempre pontuais e interativos à proposta da mesma, caracterizou-se como um dos primeiros resultados alcançados. Sem este fator, as discussões das quais emergirão dados mais pontuais acerca do tema motivador não teriam sido possíveis. Como trata-se de uma pesquisa em andamento, estes dados ainda não foram totalmente selecionados e sistematizados em categorias de análise que produzam resultados finais sobre os quais discorrer em diálogo com os objetivos estabelecidos. Porém, a partir, principalmente, dos momentos de gravação do material em áudio resultante dos encontros do grupo focal, encontramos subsídios para elencar algumas impressões iniciais que podem apontar para as discussões que serão propostas no texto da dissertação em que culminará esta pesquisa. São elas: 1) Apesar de demonstrar saber que são originalmente textos literários, os jovens envolvidos na pesquisa não conseguem

relacionar primeiramente os contos de fadas à literatura, tendo como principal referência as animações de Walt Disney; 2) Os participantes confundem o gênero conto de fadas com lenda, mito e romance, quando essas outras histórias também possuem o que eles denominam “elementos mágicos”; 3) Branca de Neve vem sendo o conto de fadas mais citado pelos integrantes do grupo; 4) Os participantes reincidentem no “final feliz” como característica fundamental do conto de fadas.

4. CONCLUSÕES

Os caminhos trilhados pela pesquisa tem se mostrado potentes para responder a questão norteadora e suas nuances mais objetivas. As primeiras impressões acerca das declarações oferecidas pelos participantes do grupo focal e extraídas das transcrições nos levam a concluir, principalmente, que as memórias deles quando o assunto é leitura ou audição de contos de fadas na infância são subjugadas pelo forte apelo midiático das produções do cinema de animação de Walt Disney que se sobrepõem às suas experiências com a literatura oral e escrita. Apontam, também, para o fato de que, para a fruição dessas histórias de cunho maravilhoso, não lhes é tão importante o encaixe das mesmas em um gênero, quanto os elementos mágicos e idealizados que elas apresentam para lhes envolver e cativar.

Ainda, a pesquisa vem para reforçar a ideia de que os contos de fadas, mesmo que basilares da literatura infantil, tem forte apelo também às idades tidas como mais maduras, provavelmente por resguardarem em sua matéria características de quando a infância ainda não existia enquanto fase específica da vida humana.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Liber Livro Editora, 2012.

MENDES, M. B. T. **Em busca dos contos perdidos: O significado das funções femininas nos contos de Perrault**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

OLIVEIRA, L. G. de. Emoção e análise. In: SILVA, E; ROCHA, L. F. M. (Org.) **Quem conta um Conto de fadas...** uma introdução ao mundo da fantasia. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2008. Cap.15, p.180-189.

SALE, R. **Fairy Tales and After: from Snow White to E. B. White**. United States of America: Librabry of Congress, 1979.

SILVA, G. Atalhos para a imaginação. In: SILVA, E; ROCHA, L. F. M. (Org.) **Quem conta um Conto de fadas...** uma introdução ao mundo da fantasia. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2008. Cap.1, p.13-18.

TATAR, M. **The Hard Facts of the Grimm's Fairy Tales**. New Jersey: Princeton University Press, 2003.

ZIPES, J. **Why Fairy Tales Stick: the evolution and relevance of a genre**. New York: Routledge, 2006.